

Dinâmicas econômicas no âmbito da casa: uma análise das estratégias de vida de uma família na Maré¹

Brauner Geraldo Cruz Junior
(IESP-UERJ /RJ)

Palavras-chave: configuração de casas – estratégias de vida – pequenos negócios

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as estratégias de vida da família de Simone², residente de uma favela do complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Meu contato com ela se deu através de entrevistas virtuais realizadas ao longo de um ano, iniciadas por mim em abril de 2021. Estas entrevistas fazem parte de uma pesquisa mais ampla a qual pertence, intitulada ‘Dinâmicas Econômicas na Maré em Tempos de Pandemia’ e realizada pelo Núcleo de Pesquisas em Economia e Cultura (Nucec), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de articulação com a organização da sociedade civil Redes da Maré. Realizei cinco chamadas com Simone por meio do WhatsApp, num momento em que a pandemia do novo coronavírus demandava distanciamento social. Após um arrefecimento dos índices de contágio e com a chegada da vacina, neste primeiro semestre de 2022 pude ir presencialmente visitar Simone, e desde então tenho feito visitas ao seu pequeno negócio, na comunidade em que mora. Para além da pesquisa mencionada, iniciei o campo de minha pesquisa de Doutorado também na Maré, onde busco investigar as dinâmicas econômicas presentes no fazer e vender comida. Simone possui uma pequena loja de roupas femininas e, apesar de não trabalhar com comida, tem sido uma importante interlocutora, indicando pessoas para eu conhecer e conversando sobre variados assuntos que compõem sua vida cotidiana e me permitem pensar nas relações econômicas de pequenos negócios na Maré.

No presente texto, busco, através das conversas com Simone, mobilizar as práticas circunscritas a um terreno "econômico" e que envolvem a gestão da casa e do negócio: as prioridades daquilo que deve ser pago primeiramente, a rede de ajudas formada em torno da família de Simone e os circuitos de cuidado estabelecidos, as

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Todos os nomes aqui citados não correspondem aos nomes reais, para preservação de anonimato.

formas de ingresso de renda dos diferentes membros da casa e as estratégias utilizadas para gerir as dívidas e cobrar credores.

Essa abordagem se insere nos estudos sobre a importância da casa para analisar a reprodução social das famílias. Como ressalta Motta (2020), “casas são espaços de cuidado, construções materiais, mercadorias, espaços de negócios, lugares imaginados, espaços de construção de familiaridades. Não apenas podem ser, como frequentemente são isso tudo, ao mesmo tempo.” (p. 778). Assim, convém explorar uma antropologia da casa como forma de entender as dinâmicas econômicas familiares de Simone. Valho-me também dos estudos de Machado da Silva (2018) sobre as estratégias de vida traçadas por indivíduos e suas escolhas de formas de trabalho e organização do tempo e espaço individual e familiar. Numa perspectiva sobre a rede de ajudas formada em torno de Simone, é útil a ideia de Marcelin (1991) sobre “configuração de casas”, também mobilizada por Motta (2014). Também podemos mencionar como complemento a isso, a ideia de “circuitos de cuidado”, trazida por Guimarães (2019), para pensar nos entrecruzamentos de relações sociais de cuidado, transações específicas e formas de retribuição. Já L’Estoile (2020) nos permite compreender o papel desempenhado por relações de amizade na sua fronteira com as relações econômicas, aspecto também ressaltado por Zelizer (2011) ao discorrer sobre os encontros entre economia e intimidade.

A seguir, buscarei descrever as estratégias de vida da família de Simone e como sua casa está organizada. Em seguida, comento sobre as ajudas e relações sociais provenientes de uma configuração de casas num circuito de cuidado. É nessa seção que buscarei trazer as moralidades envolvidas no uso do dinheiro e os encontros entre economia e intimidade. Ao final desses dois tópicos, busco articular os elementos trazidos para pensar de que maneira as práticas econômicas do cotidiano de Simone e sua família estão relacionadas à gestão da casa e do negócio.

Estratégias de vida da família e o cuidado da casa

Simone (40) vive com o marido, Vagner (40), e os filhos, Juliana (12) e Gabriel (4), há dez anos no mesmo local. Eles moram num apartamento alugado de um conjunto habitacional dentro da Maré. O lugar é descrito frequentemente por ela como muito pequeno: “Como diz a minha mãe, a minha casa é muito agoniada”. Abriga um quarto, a sala, a cozinha e um banheiro. Com o tempo, a sala foi adaptada: criaram uma divisória de *dry wall* e fizeram um quarto para Juliana, pensando, principalmente, em propiciar a

ela um espaço de estudo. Para isso, instalaram uma “estantezinha” no novo cômodo. Gabriel, o filho mais novo, dorme no quarto dos pais, que fica bastante apertado para o casal: “Quando eu estou, ele não entra, quando ele tá eu não entro, e é assim, fica fazendo coreografia dentro de casa”.

Para as refeições, geralmente comem no sofá, pois não possuem mesa. Diante desse cenário, Juliana costuma adaptar uma tábua de passar roupa e colocar em frente ao sofá, para criar esse móvel que julga necessário. A mesa improvisada serviu também para que ela assistisse às aulas online durante o isolamento da pandemia. Mesmo com um espaço apertado, eles possuem uma cadela e, até pouco tempo, dispunham de pássaros que Vagner colecionava. As conversas iniciais por telefone com Simone eram animadas por assovios ao fundo. Depois, os barulhos cessaram: Vagner teve de vender os pássaros diante das dificuldades financeiras da família.

Quem costuma cuidar da casa é Simone (“Eu e eu mesmo”). Juliana recebe algumas tarefas, como lavar a louça do almoço e limpar a sujeira da cadela. Vagner, aos finais de semana e quando está “com uma energia boa” ajuda lavando o banheiro, por exemplo. Diante das responsabilidades assumidas, Simone lamenta por relegar algumas tarefas de cuidado da casa: “Minha casa tá meio abandonadinha. Que eu andei meio chateada com a vida, não tava com muita vontade de limpar. Mas agora eu vou retomar as atividades.”

Vagner trabalha como taxista num formato cooperativo e possui ponto na Zona Sul. Tendo tido um emprego formal durante muito tempo, quando foi demitido, há cerca de três anos, pôde juntar o dinheiro da rescisão, vender o carro que tinham e comprar um táxi. Ele teve de lidar com os desafios impostos pela baixa circulação de pessoas na cidade por conta da pandemia do novo coronavírus. Além disso, enfrentou gastos inesperados com o conserto do carro, com reparos que precisam ser feitos para que continuasse trabalhando. O receio maior era voltar para casa sem ter juntado o suficiente no dia para pagar o próprio deslocamento. Neste sentido, o gradativo aumento dos combustíveis também é uma ameaça aos rendimentos da família.

Simone divide as tarefas do cuidado da casa e dos filhos com a responsabilidade de tocar um empreendimento próprio. Desde que foi demitida do departamento administrativo de uma loja de construção, em 2019, montou uma lojinha de roupas a poucos metros de sua casa. Costuma estar na loja principalmente nos horários em que os filhos estão na escola ou creche, ou sendo cuidados por alguém. Gabriel fica numa creche da rede pública próxima à sua casa, enquanto Juliana também estuda perto, mas

tem aulas numa escola particular dentro da Maré. A opção de Simone e Vagner por uma escola da rede privada se deu pelo temor de que, na visão deles, a escola pública ficasse regularmente sem aula, além da baixa qualidade de ensino associada pelo casal. A educação de Juliana é um dos grandes investimentos financeiros e morais da família, de tal maneira que, mesmo em momentos de maiores dificuldades econômicas, Simone e Vagner buscam saídas para pagar a mensalidade ou negociar com a direção eventuais dívidas e descontos.

A pandemia da COVID-19 também gerou desafios para o cuidado das crianças. Por conta do fechamento das escolas, Simone e Vagner tiveram de pensar em alternativas para cuidar de Juliana e Gabriel. Durante alguns meses, conseguiram pagar uma cuidadora para estar com Gabriel. Depois que isso não coube no orçamento, Simone alternava momentos em que ficava na loja e momentos em que ia para casa, principalmente para preparar e dar o almoço aos filhos e ao marido, que às vezes retornava em casa para a refeição. Assim que Gabriel dormia, por exemplo, ela conseguia voltar à loja e deixar Juliana de sobreaviso. Quando o garoto acordava, a irmã ia com ele até a loja e, lá, Simone lidava com a dupla tarefa de cuidar dos filhos e atender à clientela. A prioridade era buscar estar na loja em horários de maior movimento, principalmente no final de tarde, quando as pessoas retornam de seus trabalhos e as ruas ficam mais movimentadas. Em outros períodos do dia, sobretudo de manhã, Simone procurava manejar sua presença. No entanto, algumas vezes seu negócio tinha de esperar. Quando Gabriel ficava resfriado, por exemplo, não havia jeito: a loja teria de se manter fechada por uns dias. Em dias em que havia alguma operação policial ou tiroteio na Maré, o plano de Juliana ir com Gabriel até a loja também era cancelado, o que gerava também outros rearranjos por parte de Simone. Porém, com a volta presencial das escolas, o cenário melhorou para ela: a busca passou a ser mais para que a cuidadora ficasse apenas meio período com Gabriel. Como forma de abater parte do preço exigido, Simone cogitou deixar Juliana junto com a cuidadora, para que a filha pudesse também ajudá-la a tomar conta das outras crianças. Era uma maneira de garantir que seus dois filhos teriam companhia e cuidado, além de ser uma alternativa que o casal conseguia manter financeiramente.

Até onde pude acompanhar, Simone não efetivou esse plano. Com a reabertura da creche, ela busca, de bicicleta, Gabriel na parte da tarde e deixa-o com a cuidadora, que mora em um dos blocos do mesmo conjunto habitacional, até o início da noite. Juliana, apesar de ser mais velha, também gerava preocupações aos pais sobre com

quem ficaria durante a tarde, após a escola. Havia um receio sobre as companhias que ela teria como adolescente longe dos olhares, principalmente, da mãe. Ela, então, passou a frequentar uma explicadora, uma espécie de professora de reforço, que ajudava nas matérias escolares e ao mesmo tempo era uma maneira encontrada por Simone e Vagner para ocupar e cuidar da filha. Nos períodos em que não está na explicadora, fica com Simone em sua loja, sozinha em casa ou com uma ou outra amiga que seus pais conheciam. Simone me relatou em uma de nossas conversas que uma maneira de pagar a explicadora foi doando uma das crias dada pela cadela da família. Sendo ela “de raça”, Vagner buscou um cachorro de mesmo tipo para cruzar com ela, sem que Simone descobrisse, pois poderia se opor à ideia. Quando Simone percebeu, a cadela estava prenha e daria filhotes que poderiam ser uma importante fonte de renda para a família. Mesmo sem ter conseguido vendê-los de imediato, a solução de permutar com a explicadora foi uma maneira não monetária encontrada para prover cuidado à Juliana, além de reforçar sua educação, o grande projeto familiar.

As estratégias de vida da família de Simone envolvem uma combinação de tipos de trabalho entre ela e Vagner. Seguindo os tipos propostos por Machado da Silva (2018), podemos dizer que Vagner possui um trabalho por conta própria que, embora com as quantias de ganho inexatas e os riscos assumidos individualmente, podemos denominar de regular. Afinal, há a certeza de que terá algum rendimento, assim como ele cumpre determinada jornada de trabalho semanal. Simone, por sua vez, segue uma combinação entre o trabalho doméstico - aquele que não é remunerado e serve, segundo o autor, como “mediação entre a aquisição e o consumo das mercadorias necessárias à sobrevivência da família” (Machado da Silva, 2018, p. 29) - e uma espécie de trabalho por conta própria, cuja configuração peculiar o aproxima de um trabalho a domicílio. Isto porque, a despeito de sua loja ser fora de sua casa, e esse fato é bastante significativo para a maneira como conduz sua vida cotidiana, a proximidade física com o espaço que aluga e o próprio uso que faz dele, determinando sua abertura de acordo com as demandas de cuidado da casa e dos filhos, faz com que sua loja seja quase como uma extensão de sua casa. Por exemplo, nela há geladeira para guardar comida para ela e os filhos. Também há um colchonete para Gabriel deitar-se quando precisar dormir.

Apesar de a venda de roupas se distanciar das atividades domésticas tradicionais, como seria a culinária, a lavagem de roupas e, em certa medida, a própria costura, é uma atividade que Simone desempenha ligando-a ao ritmo de trabalho doméstico cotidiano. É nos momentos em que o cuidado dos filhos pode ser transferido a alguém ou dividido

com suas atividades profissionais, e nas horas em que os afazeres domésticos indispensáveis já foram cumpridos, que Simone consegue abrir sua loja para vender seus produtos.

A mão de obra familiar é utilizada, aqui, no trabalho doméstico, como quando Juliana fica responsável por pequenos afazeres da casa e pelo cuidado de seu irmão. Juliana, ao mesmo tempo, representa uma importante estratégia de vida de Simone e Vagner: seus rendimentos pouco previsíveis precisam guardar espaço para pagar uma mensalidade regular que é a escola de sua filha. Esse investimento moral e financeiro na educação de Juliana se soma a outros, como a própria loja de roupas de Simone e o táxi de Vagner.

É possível dizer, utilizando os termos propostos por Koselleck (2006), que o espaço de experiências acumulado em torno do trabalho assalariado e das alternativas do trabalho por conta própria, sejam elas pessoais ou herdadas de sujeitos com realidades próximas, dialogam – ainda que não sejam por ele determinado - com o horizonte de expectativas pensado por Simone e Vagner. O mesmo ocorre com o projeto educacional proposto para Juliana. Veremos como esse horizonte, acomodado a partir de estratégias de vida familiar, é constantemente rompido, dando origem a novas experiências. Contudo, é importante pensar nas ações de Simone e Vagner para que os investimentos familiares tenham continuidade e as estratégias de vida pensadas sejam efetivadas.

É possível analisar, portanto, as famílias como produtoras de planos e projetos (Araujo, 2017) que se emaranham em meio a imperativos de sobrevivência, aspirações profissionais, incertezas e expectativas variadas e mutáveis. Cada membro da unidade doméstica passa, então, a traçar estratégias de vida, vividas individualmente, mas que dialogam e contam com os projetos familiares, para obtenção da renda e a busca de viver “vidas que mereçam ser vividas” (Narotzky e Besnier, 2020). Essas estratégias, é importante notar, não obedecem necessariamente a uma estrutura de cálculo econômico racional, e nem sempre estão detalhadas e organizadas em curto, médio e longo prazo, por exemplo. Mas indicam algumas aspirações familiares que lidam com atuais ou potenciais meios de alcançá-las, conforme evidenciam os casos das famílias de Simone e de Carla.

É aqui que ganha corpo a ideia de casa como algo além de “um teto sobre a cabeça”, como descreveu Woortmann (1982, p. 120): um locus de realização do grupo doméstico, a materialização da família. Janet Carsten (1995), por exemplo, fala da

importância da casa como uma categoria nativa que nos ajuda a reconhecer certos universos sociais. Ela é, assim, para além de um espaço físico, um espaço onde os projetos familiares são desenhados e executados, onde se efetivam as relações sociais entre os membros das famílias e as moralidades decorrentes disso. De acordo com Marcelin (1999), a casa é um processo, “uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade” (p. 37). Por sua vez, também colocou o autor que ela só existe dentro de um contexto de unidades domésticas (Marcelin, 1999), mobilizando uma ideia presente também no trabalho de Motta (2014) sobre a “configuração de casas”. Para esta última, este conceito está relacionado a uma perspectiva que permite tornar inteligível múltiplas e diversas relações estabelecidas entre as casas, que se conectam por laços de parentesco, mas, e isso é importante para a autora, não se restringem a eles.

Relações de confiança e dinâmicas econômicas na configuração de casas

Quando foi demitida da loja de materiais de construção, Simone se viu defronte a um pequeno dilema: O que faria dali em diante? Voltaria a buscar um emprego assalariado, que havia sido sua principal fonte de renda até então, ou abriria um negócio próprio? Foi quando uma de suas comadres a aconselhou: “Não, vamos abrir uma loja, se não daqui a pouco tu arruma outro emprego e nunca mais você vai ter uma coisa sua”. E o conselho deu lugar a uma quantia em dinheiro cedida pela comadre para a compra das primeiras peças de vestuário. De início, o que parecia ser um recurso provindo de uma sociedade entre as duas, se tornou um empréstimo, pois a comadre de Simone já possuía um negócio e acabou não se envolvendo para além do empurrão inicial. O empréstimo ficou em aberto, pois não foi quitado por Simone ainda, mas tampouco foi cobrado pela amiga: “No momento não divido nada com ela não, realmente só Deus sabe quando que a gente vai conseguir se resolver, mas, enfim”. Simone, então, começou vendendo as roupas numa banquinha improvisada na calçada próxima à sua casa, quando uma conhecida a sugeriu o aluguel de um espaço que estava vago e era, também, bastante próximo dali. Tendo considerado um valor relativamente baixo (400 reais), Simone aceitou a proposta e lá começou sua loja de roupas.

Outra comadre foi a responsável por ir até os locais de venda das peças com Simone. No início, iam até São Paulo e de lá saíam carregadas de peças com bom custo-benefício, para serem revendidas no Rio de Janeiro. Uma amiga emprestava seu cartão de crédito a Simone. Como tinha o “nome sujo”, usava dessa prática para conseguir

comprar seus produtos. Com o tempo, a vantagem econômica de ir a São Paulo deixou de existir: como passou a comprar em menor quantidade, não valia mais a pena tanto deslocamento. Simone começou a ir a um feirão em Duque de Caxias e lá conseguia suas peças. Com novas dificuldades de ampliar o estoque, por conta das baixas vendas e da dificuldade de ter dinheiro disponível, passou a trocar as peças que não eram vendidas por outras, para renovar as vitrines. A cliente que passasse por lá, veria que novas peças estavam disponíveis e poderia se sentir atraída para comprá-las. Com o tempo, Simone foi adicionando outros produtos à venda: roupas masculinas, produtos de sex shop, perfumes, e até mesmo bilhetes da loteria estadual. Era uma estratégia para arrebatat o público masculino que, uma vez lá, poderia se interessar por alguma peça do vestuário. Os perfumes eram trazidos por sua cunhada, que era revendedora de algumas marcas e deixava na loja de Simone alguns dos respectivos produtos e catálogos. As duas combinavam formas de dividir os ganhos obtidos.

No acordo com a amiga que emprestava o cartão de crédito para a compra das mercadorias, havia compreensão da situação de Simone quando esta não conseguia cobrir o que gastava durante o mês. As devoluções eram negociadas: quando era possível, pagava em dinheiro ao final do mês. Quando não, criava uma espécie de crédito na loja, para que a prima pudesse ficar com alguma roupa que gostasse. No entanto, essa relação gerava constrangimento a Simone, pois aparentemente tratava-se de um dinheiro gasto sentido pela amiga:

Eu costumo fazer com ela assim, eu fiz uma compra X, e aí eu parcelei, aí eu vou pagando. Aí, enquanto eu não termino de pagar eu não uso mais. Aí já fica... só que aí eu tive um problema, mês passado, esse mês por exemplo eu não consegui pagar o cartão dela. Então, assim, é um valor muito alto, e ela teve que cobrir pra mim. Entendeu, então, tipo assim, não tem a menor condição de quando terminar essas parcelas ela me emprestar de novo, que ela já vai tá pensando “pô, eu vou ter que cobrir? Eu vou tá sempre tendo que cobrir” é muito complicado né. Eu entendo ela completamente, mas eu não tenho o que fazer. Vai além das minhas possibilidades. E ela vê, ela fala todo dia, todo dia ela fala que “o que me conforta é que eu sei que você não está me pagando porque realmente não tem como. Não é porque você não quer” aí eu falei, muito obrigada. Porque, fica parecendo até que você tá de sacanagem com a pessoa. E ela vê, tipo, teve uma semana inteira, inteira, que não entrou uma pessoa na loja. Eu fiquei desesperada. Eu falei que eu vou pra porta ficar batendo palma igual pessoal lá do Saara, sabe [risos].

Há também uma conhecida que possui uma loja como a de Simone e próxima a ela, mas descrita como um negócio mais estabelecido, com mais peças de estoque e variedade de produtos. Simone me conta que essa colega vai até o centro de São Paulo, periodicamente, para comprar novas peças. A diferenciação entre as lojas é bastante

marcante, parecendo haver uma distância significativa entre os negócios e sua sustentabilidade financeira e volume de vendas. Por ter maior estrutura, essa colega também empresta dinheiro a pessoas de confiança. Por cobrar juros relativamente baixos, Simone às vezes recorre a este crédito para pagar alguma encomenda de roupas, como calças jeans, produtos que saem mais em sua loja. De todo modo, permanece um receio de fazer uso recorrente desse empréstimo, pois a incerteza de conseguir pagar nos prazos devidos gera constrangimento de fazer novos pedidos.

A família consanguínea também está presente na vida cotidiana de Simone. Ela nasceu no Rio de Janeiro, mas logo quando criança seus pais e sua irmã mais velha se mudaram para Campina Grande, na Paraíba. Sua irmã, contudo, decidira vir ao Rio de Janeiro, aos 15 anos, com a perspectiva de aqui estudar. Seria cuidada por uma tia que morava na Maré. Simone traçou, três anos depois, o mesmo trajeto. Assim, ela e a irmã moraram juntos por alguns anos e, quando se casaram com seus respectivos maridos, continuaram próximas, morando a duas ruas de distância. Simone relata que a irmã é uma pessoa reservada e geralmente tem pouco tempo disponível, pois “trabalha fora” e tem uma filha pequena. Contudo, costumam se ver e interagir com alguma frequência. É para ela que Simone dá produtos da cesta básica que recebe através de um projeto social, tendo em troca, bandejas de “mistura” (“Aqui vocês chamam de proteína, né?”) que a irmã pode comprar através do ticket alimentação que recebe.

A mãe também participa da vida cotidiana de Simone. Ela mora em Campina Grande, mas frequentemente vai ao Rio para ver as filhas e os netos. Mais recentemente, estava traçando planos de mudar de vez para cá, onde morou por anos. Durante uma das conversas que tive com Simone, descobri que sua mãe havia acabado de chegar: fizera uma surpresa para o aniversário dela e veio para o Rio de Janeiro sem avisar. Ela ficaria por cerca de 4 meses, na casa de sua outra filha, onde tinha mais espaço para se acomodar. No entanto, no tempo que ficou, participou da gestão do cuidado na casa de Simone. Mesmo com um braço engessado por conta de uma queda que sofrera em sua casa, ela participava do cuidado de Gabriel e também gostava de ir à loja da filha. Simone, inclusive, considera que sua mãe tinha melhores habilidades de venda, pois adorava conversar com a clientela, era uma vendedora “muito desenrolada”. Além de tudo, tinha uma expertise técnica que poderia ajudar numa loja de roupas, pois trabalhava como costureira antes de se mudar para Campina Grande.

Vagner também conseguia acionar amigos e familiares para que os ajudasse em contratemplos cotidianos. Um amigo dele, por exemplo, foi quem emprestou o cartão de

crédito para que pudesse comprar novas peças para consertar seu táxi, que havia quebrado. Para o conserto, outro amigo, que era mecânico, foi acionado e deixou que Vagner pagasse depois pelo serviço feito. Quando o aluguel do apartamento em que moram começou a atrasar, novamente um amigo emprestou dinheiro ao casal para que quitassem a dívida. Um colega taxista também doou uma cesta de produtos de limpeza, o que ajudou Simone, que diz lavar muita roupa durante a semana. O pai e o primo de Vagner também foram mencionados como pessoas que “vêm e trazem uma coisinha” para a casa de Simone e Vagner, geralmente relacionada à alimentação.

Simone mencionou outras pessoas importantes em sua rede de ajudas, como outra amiga, que os emprestou dinheiro para que pudessem manter a escola de Juliana e quitar dívidas que tinham acumulado sobre o condomínio e financiamento de um imóvel que possuem em Paciência, na Zona Oeste da cidade. Sobre a escola, após uma negociação de descontos com a direção, esse empréstimo foi fundamental para que mantivessem os planos de uma educação em escola particular para Juliana. Quanto ao apartamento, foi uma espécie de investimento de Simone e Vagner, que desde que o compraram, buscaram alugar e utilizar o dinheiro obtido para os custos das prestações e do condomínio. Só que havia dívidas de quando ainda não tinham conseguido locatários. A opção por manterem-se na Maré, mesmo com um imóvel próprio, se faz pelos custos menores de vida que possuem lá, ainda que tenham de pagar aluguel, o que viabiliza a continuidade do investimento numa boa educação para Juliana. A expectativa é que ela fosse aprovada em alguma escola gratuita e tida como referência, como o Colégio D. Pedro II ou o Colégio Militar, que selecionam novos alunos periodicamente.

A ex-sogra da irmã de Simone também foi mencionada em nossas conversas. Dessa vez, como alguém que havia garantido a ela, como presente de aniversário, um item cada vez mais essencial para o planejamento mensal da casa: uma cesta básica. Durante quase todo o ano de 2021, Simone recebia mensalmente uma cesta básica que vinha de um projeto social que ensinava judô a crianças que moravam na Maré, e do qual Juliana era uma das alunas. No início, o projeto era encampado por uma ONG, mas foi descontinuado. No entanto, o professor decidiu angariar fundos para dar sequência à iniciativa, e, assim, conseguia a entrega mensal de cestas básicas para famílias como a de Simone. Apesar de conseguir entregar na maioria dos meses, havia períodos de alguma incerteza se a entrega seria realizada, pelas dificuldades de financiamento da iniciativa, o que gerava certa preocupação por parte de Simone. Caso a cesta não chegasse, era preciso adaptar as compras e as contas mensais para seguir garantindo a

alimentação da família. Ou contar com presentes como esse recebido da ex-sogra de sua irmã. Já no começo de 2022, essa ajuda na alimentação deixou de ser possível, pela diminuição de cestas entregues pelo professor de judô. Simone considera que seria inconveniente seguir buscando ser atendida diante dessa escassez: “Eles tão restringindo um pouco, né, aí fica chato. Falei: ‘vamos ver se a gente consegue se virar’.”

Mas a rede de ajudas e solidariedade presente na família de Simone também encontra nela um vértice relevante. Assim como precisa contar com a compreensão da direção da escola de Juliana ou da proprietária do apartamento em que moram, ela também precisa ser compreensiva com a dívida de clientes de sua loja e com o atraso no pagamento do aluguel do imóvel em Paciência. Quanto às clientes, ela relata que mantém um caderno de pessoas que compraram algumas roupas, mas ainda não a pagaram. Algumas são de mais confiança, e sempre acabam acertando, mesmo que não integralmente, ao final do mês. Outras clientes são menos próximas, e Simone assume a incômoda tarefa de cobrá-las: “No momento, eu tenho uma lista de dez que eu preciso mandar uma mensagem praticamente toda semana pra lembrar. É. Eu tenho umas que tão me dando uma canseira pra pagar”. Neste sentido, estar na loja é fundamental, para evitar que afirmem “Eu fui lá pra te pagar, mas tava fechado”. Inclusive, a esperança de que o fiado se converta em pagamento é um importante fator para que Simone não desista de seu negócio: “O que mais tem me segurando com a loja é o dinheiro que tá na rua. Porque eu fechando a loja, eu nunca mais vou receber”. Outras estratégias para receber o valor devido eram empregadas: com uma cliente manicure que não conseguia pagar a dívida que tinha acumulado com as roupas que comprou, Simone passou a fazer as unhas do pé e da mão com ela semanalmente, mesmo que não tivesse esse hábito, para poder descontar da dívida contraída.

Já quanto ao aluguel do imóvel que possuem, é interessante observar a relação estabelecida por Simone entre: a proprietária do imóvel onde moram, ela própria, e a pessoa que mora no imóvel dela. A proprietária é vendedora ambulante, e por conta das perdas decorrentes da pandemia, sofreu um grande baque financeiro. Assim, Simone considera injusto que ela fique sem receber o dinheiro do aluguel, pois não teria como se sustentar diante de um cenário tão frágil. Já Simone, também como trabalhadora por conta própria, vive aflita, pois sua loja não está rendendo como esperava e as dívidas da casa têm aumentado. Por fim, a pessoa que mora em seu imóvel em Paciência tem atrasado o pagamento do aluguel, uma vez que é manicure, e viu suas rendas sofrerem valorosas quedas durante a pandemia. Nesse trio, Simone se vê tendo de ser

compreensiva com as duas pontas que as tocam. Mas também precisa que essas mulheres também sejam compreensivas com sua situação: uma entendendo que o pagamento do aluguel pode acabar atrasando, e a outra entendendo que pagar a Simone é importante para que ela, inclusive, não deixe de quitar o financiamento do imóvel. Essa corda, de tão tensionada, acabou se rompendo: Simone adotou estratégias para quitar as dívidas do aluguel de onde mora, e acabou solicitando que a locatária de seu imóvel procurasse outro local, pois precisava daquela renda. Em outros casos, é possível pensar em saídas mais consorciadas. O pagamento do aluguel da loja, por exemplo, teve de ser interrompido por Simone, em acordo com a proprietária do espaço, que também não veria outras oportunidades de locar aquele imóvel num contexto pandêmico. Com o passar dos meses, esse pagamento foi retomado, contando com negociações entre as duas. O mesmo ocorreu, por exemplo, com o transporte escolar de Juliana. O motorista aceitou buscar e trazer a criança à escola recebendo quando fosse possível para Simone e Vagner.

A mesma situação ocorre com Vagner, pois, da mesma forma que conta com uma rede de ajuda e solidariedade, também é ponto gerador desse ecossistema. Quando seu irmão teve COVID-19, foi Vagner quem o auxiliou em seu cuidado, levando-o nas consultas e exames médicos, pois já havia contraído o vírus e acreditava que não seria contaminado novamente.

“Continuo contando com ajudas. Nem sei, eu não consigo nem imaginar como seria sem essa ajuda, também tem isso, entendeu?” Simone tem ciência de que as ajudas e a solidariedade aqui descritas são parte fundamental da sobrevivência de sua família dentro das estratégias de vida por ela traçadas. São amigos e parentes, tanto de Simone como de Vagner, que permitem que os investimentos morais e financeiros mais importantes tenham continuidade. O conserto do táxi de Vagner, a compra das peças de roupa da loja de Simone e a mensalidade da escola de Juliana foram pagas com a ajuda dessa rede, assim como outras demandas foram supridas por meio dessa solidariedade: o cuidado de Gabriel, a alimentação e a limpeza da casa, o aluguel da loja e da casa em que moram e o financiamento do imóvel que possuem.

Larissa de Lomnitz (1998), ao escrever sobre a marginalidade de pobreza – sendo marginalidade aqui entendida como a ausência de um papel econômico articulado com o sistema de produção industrial –, discorre sobre a reciprocidade enquanto prática de indivíduos situados nessa condição, como forma de assegurar a sua sobrevivência. A partir da pesquisa empírica em uma *barriada* na Cidade do México, a autora conclui

que se formam redes de intercâmbio entre parentes e vizinhos que acabam por suprir a ausência de uma seguridade social. Essas redes de intercâmbio atuam por meio da ajuda mútua baseada nessa reciprocidade. Para Lomnitz (1998), dois fatores que podem explicar essas redes são a confiança e a proximidade física. Em termos gerais, observamos isso ocorrer no caso de Simone. Como apresentado, não só ela e Vagner se beneficiam da “seguridade” propiciada por essas ajudas, como também são pontos geradores importantes delas. Em outros termos, assim como eles contam com seus amigos e familiares para sustentarem seus projetos e questões materiais concretas, como a alimentação da casa, são eles também pessoas com as quais outros (ou os mesmos) amigos e familiares também contam. Há, portanto, estreitos laços de confiança.

Quanto à proximidade física, não se pode negar sua importância na gestão do cuidado da casa e dos filhos de Simone. Afinal, a maioria das pessoas aqui mencionadas mora dentro da Maré. Esse fator facilita a circulação de bens e pessoas, mas não poderia ser encerrado, neste caso, sob a ideia de vicinalidade. Esta categoria é entendida por Pina-Cabral (2014) da seguinte maneira: “a forma como a coabitação enquanto processo constitutivo de pessoas se prolonga temporalmente para momentos mais tardios do ciclo relacional através de formas de agregação que assentam sobre identidades continuadas”. (p. 26). O autor traz, a partir do termo ‘coabitação’, a noção de uma proximidade entre as casas, que gera uma série de relações interpessoais, cujo teor irá variar conforme as realidades culturais analisadas. Nos relatos de Simone, era frequente ouvir algo como “Ela é daqui da Maré mesmo”. Mas também se ouvia sobre bairros distintos dentro do Complexo de favelas, além de pessoas mencionadas que não eram dali. Neste sentido, a noção de configuração de casas, inicialmente proposta por Marcelin (1999), parece abarcar melhor essas relações gestadas nesse circuito de ajudas constituído em torno da casa de Simone. Isso porque ela permite pensar na casa que se forma em relação e em conexão a outras. Essas relações podem envolver proximidades físicas e vínculos de parentesco, mas são também formadas por meio das “trocas cotidianas, da comensalidade e do uso do dinheiro” (Motta, 2014, p. 118). No caso de Simone, portanto, é possível compreender a proximidade física como relevante para explicar as ajudas e vínculos estabelecidos, mas há outras conexões entre essas pessoas que se sobrepõem à questão espacial. Utilizando novamente a análise de Motta (2020): “A proximidade material entre moradias em uma configuração é uma característica valorizada secundariamente [...] já que existem várias formas de manter laços

cotidianos, fortes e significativos entre casas, mesmo que elas estejam distantes fisicamente uma das outras.” (p. 780).

L’Estoile (2020) defende, em seu artigo “Dinheiro é bom, mas um amigo é melhor”, que, diante de situações de precariedade estrutural e latentes incertezas com relação ao futuro, os indivíduos mobilizam recursos e relações pessoais para atender às expectativas criadas. Não precisamente porque consideram a amizade algo mais valioso utilitariamente que o dinheiro, ou mesmo moralmente superior, mas porque percebem-na como algo mais duradouro, capaz de resistir a eventos fugazes, enquanto o dinheiro tem curta duração, esvai-se rapidamente. Não se trata, precisamente, de afirmar que ocorre o mesmo com Simone e sua família. Afinal, essa classificação não ocorreu nem discursivamente, nem nas práticas concretas de seu cotidiano. No entanto, é possível observar como a amizade, aqui entendida como laços fortes criados em torno de colegas, amigos e parentes consanguíneos ou não, funciona enquanto importante recurso de longa duração para Simone e Vagner. Como ressalta L’Estoile (2020):

As pessoas precisam por um lado de amigos que sejam iguais socialmente para ajudá-las na vida diária, com base na reciprocidade, por outro lado de amigos que sejam socialmente mais poderosos para ajudá-las quando estiverem “passando necessidade”. Na verdade, necessidade ou crise é uma prova de fogo para a amizade (p.251).

Seguindo o caso de Simone, poderíamos dizer que os amigos “socialmente mais poderosos” em seu entorno são aqueles que “trabalham fora”, ou seja, estão inseridos no trabalho assalariado. O ticket alimentação, a certeza de um rendimento razoavelmente estável e periódico e o próprio “nome limpo”, que possibilita o acesso ao crédito, são todos fatores mais ou menos influenciados pela condição assalariada e que acabam por privilegiar certos indivíduos, condicionando-os como mais próximos de ajudarem Simone e Vagner em momentos de necessidade e crise na gestão da casa e dos projetos familiares.

Contudo, mesmo que pensemos a reciprocidade e mutualidade provenientes da configuração de casas estabelecida em torno da família de Simone, é também preciso recorrer ao fato de que seu cotidiano é marcado por, conforme discutido por Bilac (2014), um modelo de articulação entre trabalho e família que repousa numa sobrecarga feminina e no menor envolvimento dos homens nas tarefas reprodutivas. Às mulheres, fica destinada a tarefa de conciliar casa e trabalho de maneira simultânea. Talvez isso ajude a explicar a proximidade física entre a casa e o negócio, assim como os tempos destinados a cada um. Simone não pode se ausentar por jornadas inteiras de trabalho,

pois é através delas que as crianças são cuidadas e acompanhadas. E, mais do que isso, a criança do sexo feminino, Juliana, desempenha também papéis fundamentais seja no cuidado de si ou de irmãos, nos afazeres domésticos, ou no apoio à mãe em seu pequeno empreendimento. O auxílio da filha, ao mesmo tempo em que é importante para a gestão da casa e do negócio, é também uma maneira de mantê-la ocupada e próxima à mãe, uma forma de cuidado e de vigilância em meio a um período da adolescência considerado temeroso pelos pais e num espaço cujo cotidiano é relatado como violento.

Como lembra Bilac (2014), essa sobrecarga feminina na articulação entre trabalho e família se dá por razões socioeconômicas e demográficas, mas também por uma ausência de políticas estatais que deem respostas a essas demandas. Ora, Simone tem de pagar uma cuidadora para Gabriel pois a creche pública que ele fica encerra as atividades no meio da tarde. É aqui que ganha força a prestação de cuidados propiciada por pessoas conhecidas e cujas relações transitam entre uma intimidade e confiança e a necessidade de remuneração e uso do dinheiro proveniente da prestação de um serviço.

Esse fator nos permite que retomemos Zelizer (2011) para discutir o que a autora denomina por encontros entre economia e intimidade. A noção de intimidade aqui se aproxima à uma relação duradoura de confiança, que pode ser física, informativa e emocional. Segundo a autora, esses encontros fazem parte, ou seja, são intrínsecos à conectividade entre os sujeitos. Assim, não há um mundo econômico racional contaminado pela intimidade, e tampouco as relações pessoais são manchadas pela racionalidade econômica. Afirma Zelizer (2011), sobre o uso do dinheiro na intimidade: “numa ampla gama de relações íntimas, as pessoas conseguem integrar as transferências monetárias a redes maiores de obrigações mútuas sem destruir os laços sociais envolvidos. O dinheiro coabita regularmente com a intimidade e até mesmo a sustenta” (p.34).

No caso de Simone, é possível pensar que a economia perpassa o circuito de cuidado (Guimarães, 2019) e um circuito de ajudas que se forma através da configuração de casas estabelecida, de maneira a não conceder às transações monetárias um caráter exclusivo nessa mediação. A doação de um filhote de cachorro, a ajuda pensada de Juliana à cuidadora de Gabriel e as idas semanais à manicure são todas formas de intermediar transações econômicas carregadas de relações de confiança. Nem tudo é pensado como uma forma de pagamento por algum produto ou serviço, ainda que o dinheiro e outras formas de retribuição estejam constantemente presentes, através de expectativas e obrigações morais introjetadas. Essas interações dinâmicas e complexas

são parte do que Viviana Zelizer entende por circuitos: “todos os circuitos incluem um limite, materiais culturais distintivos, e formas particulares de transferência e mediação. E é claro também incluem uma rede – laços e relações particulares” (Zelizer, 2005, p. 294 apud. Comunello, 2012). Dessa maneira, corrobora-se a ideia de Guimarães (2019) sobre circuitos de cuidados, que se somam a outros circuitos, como os comerciais, em torno dos pequenos negócios na comunidade, ou mesmo os de ajudas, descrito ao longo desta seção.

Considerações Finais

O presente texto buscou desvelar as dinâmicas econômicas presentes no âmbito da casa de Simone, moradora da Maré e dona de um pequeno negócio em sua comunidade. Ao discorrer sobre as estratégias de vida de Simone e sua família, é possível ver de que maneira a configuração de casas que se estabelece em torno dela, atravessa-a e configura seu fluxo cotidiano. As ajudas, permutas e mutualidades presentes nas relações pessoais com amigos, vizinhos, colegas de trabalho e conhecidos possibilita que os planos e projetos gestados na casa tenham continuidade, ou sejam redesenhados conforme essa dinâmica.

É através dos circuitos comerciais dos pequenos negócios, dos circuitos de cuidado e de ajudas estabelecidos nessas relações pessoais que as dinâmicas econômicas se fazem presentes. Operam em meio e em diálogo constante com relações de intimidade e confiança, neblinando as fronteiras entre o econômico e as práticas familiares gestadas no terreno da casa. Por isso mesmo, envolvem uma circulação monetária que não é exclusiva, e está acompanhada de outros meios de troca e retribuições, que carregam consigo os elementos morais presentes nessa intimidade.

Se uma visão primeira e mais hermética da economia se aplicasse ao cotidiano de Simone, seriam focadas sobremaneira as trocas monetárias presentes nas vendas de sua lojinha de roupas, ou então no orçamento e nas decisões financeiras domésticas. Sem ignorar a grande relevância analítica desses elementos, aqui busco propor como um entendimento sobre as relações pessoais presentes nos circuitos comerciais e de cuidado e na configuração de casas de Simone, pode propiciar uma visão mais complexa e matizada sobre como a economia é sentida e mobilizada nesse cotidiano, permitindo uma compreensão mais abrangente desse cenário.

Fontes Bibliográficas

ARAUJO, Marcella Carvalho de. Notas etnográficas sobre o empreendedorismo em favelas cariocas. **Etnográfica** [online]. Vol. 21 (3), 2017, p. 585-598.

BILAC, Elisabete Dória. “Trabalho e família. Articulações possíveis”. **Tempo Social**. São Paulo, 26(1), 2014, p.129-145.

CARSTEN, Janet. The substance of kinship and the heat of the hearth: feeding, personhood and relatedness among Malays of Pulau Langkawi. **American Ethnologist**, 22(2), 2014, pp. 223-41.

COMUNELLO, Felipe José. Movimentos sociais, agroecologia e circuitos no capitalismo. **RURIS**, v. 6, n. 1, 2012, pp. 45-72.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Os circuitos do cuidado. Reflexões a partir do caso brasileiro. Comunicação ao painel “El trabajo de cuidado. Relaciones, significados, derechos. Miradas Latinoamericanas”, 2019 **Congress of the Latin American Studies Association** (LASA), Boston, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 25, 2006.

L’ESTOILE, Benoit de. “Dinheiro é bom, mas um amigo é melhor”. **RURIS (Campinas, Online)**, 12(2), 227-264, 2020. <https://doi.org/10.53000/rr.v12i2.4261>

LOMNITZ, Larissa Adler de. **Cómo sobreviven los marginados**. Siglo XXI Editores Argentina, 1998.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. **O Mundo Popular. Trabalho e condições de vida**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Mana. Estudos de Antropologia Social**, 5(2): 31-60, 1999.

MOTTA, Eugênia. Houses and economy in the favela. **Vibrant**. v.11, n.1, p. 118-158, 2014.

_____. Uma casa boa, uma casa ruim e a morte no cotidiano. **Etnográfica [Online]** v. 24 (3), 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/9603> Acesso em 28 de mar. 2022.

NAROTZKY, Susana; BESNIER, Niko. Crisis, valor y esperanza: repensar la economía. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 51, p. 2, 2020.

PINA-CABRAL, João de. Agnatas, vizinhos e amigos: variantes da vicinalidade em África, Europa e América. **Revista De Antropologia**, 57(2), 2014, pp. 23-46.

WOORTMANN, Klas. Casa e família operária. **Anuário antropológico**, 5(1), 1981, pp. 119-150.

ZELIZER, Viviana. **A Negociação da Intimidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

